

*Ironia à história e à revolução:
uma abordagem do romance de Augusto Abelaira*

José Luís Giovanoni Fornos

Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, Brasil

Resumo: O presente ensaio examina o romance *Deste modo ou daquele* (1990), de Augusto Abelaira, considerando as categorias da revolução e da utopia. Toma como referência a história recente de Portugal, ressaltando a Revolução dos Cravos e sua representação na narrativa literária. Para tanto, chama a atenção para o papel da intelectualidade portuguesa na configuração de tal fato histórico.

Palavras-chaves: romance português; Revolução dos Cravos; utopia e intelectualidade

Abstract: This essay examines the novel *Deste modo ou daquele* (1990), by Augusto Abelaira, taking into account the categories of the revolution and the utopia. It takes the recent history of Portugal as a reference, highlighting the Carnation Revolution and its representation in the literary narrative. Therefore it exposes the role of Portuguese intellectual figures in the configuration of such historical fact.

Keywords: Portuguese novel; Carnation Revolution; utopia and intellectual figures.

Intelectuais, divididos entre a dúvida, a audácia e a timidez são as personagens do romance *Deste modo ou daquele* (1990),¹ de Augusto Abelaira. O desencanto e a desvalorização utópica caracterizam o discurso ideológico que as cercam. Embriagadas de ironia e melancolia, as figuras abelairianas encarnam, contraditoriamente, o contexto histórico-narrativo, cultivando a polêmica.

Tais características são reiteradas nas demais obras do autor que ironiza, através do diálogo de intelectuais, os conhecimentos histórico, filosófico e científico. A metaficcionalidade, o debate político e ideológico, a representação da ciência e da História e seus métodos de investigação, são destaques. O enfoque de relações erótico-amorosas, através devaneios e digressões exacerbados pela imaginação, igualmente constituem as premissas do livro que hibridiza discursos e acontecimentos.

Concomitante à simulação da desconstrução da estrutura narrativa, *Deste modo ou daquele* reavalia a história política de Portugal. Sobre a Revolução dos Cravos, depoimentos irônicos e amargurados minimizam o acontecimento, apontando para um País apático, indiferente, paralisado pelas forças políticas de sempre.² A personagem Diogo Anselmo declara:

— Ainda por cima, os deuses deram-nos de bandeja o 25 de Abril. Sem fazermos nada por isso. No ponto a que chegaram as coisas, os gajos que nos governam seriam os gajos que nos governariam sem o 25 de Abril. A História poderia ter economizado o 25 de Abril, que estaríamos onde estamos. (p. 145)

Embora não contenha desdobramentos fantásticos dos textos da década de 80, *Deste modo ou daquele* não renuncia à crítica aos costumes políticos e culturais. No entanto, o ponto de vista predominante advém de um aspecto que não ocorre nos romances anteriores. A categoria idade obtém papel estratégico na observação e avaliação dos fatos e idéias. Jorge Fonseca e Diogo Anselmo, dois intelectuais reconhecidos academicamente, já não representam as jovens personagens das obras da década de 60.³ Todavia, o ceticismo em relação à emancipação social por meio da práxis revolucionária continua a balizar os juízos das personagens.⁴

1 ABELAIRA, Augusto. *Deste modo ou daquele*. Lisboa: O jornal, 1990. Todas as citações no presente ensaio decorrem da edição referida.

2 Na visão de Eduardo Lourenço, a “Revolução de Abril foi recebida e festejada como uma simples mudança de cenários gastos que não alteraria o pacatíssimo e delicioso viver à beiramar plantado, nem alteraria em nada a imagem que os portugueses se faziam de si mesmos.” (LOURENÇO, E. *O labirinto da saudade*. Lisboa: Dom Quixote, 1978, p.64.)

3 A crítica tem apontado uma equiparação da evolução cronológica das personagens com a do autor.

A referência à idade dá verossimilhança à proposta que embasa a estrutura do romance: a reavaliação e problematização da História. Recorrendo à memória do passado vivido, as personagens Jorge Fonseca e Diogo Anselmo se perguntam sobre os efeitos dos fatos históricos sobre suas vidas. A possibilidade dos seres humanos de exercerem o domínio sobre o destino também é questionada, estendendo tal temática à história do país. O mito nacional de que Portugal possui um destino, é ironizado.⁵

Os sexagenários personagens de Augusto Abelaira confrontam o presente com o passado, mostrando-se surpresos e temerosos com os novos hábitos que contagiam, de forma abrangente, a paisagem social portuguesa.⁶ O crescente individualismo e a ganância econômica são destacados. Termos e expressões, introduzidos pela televisão, desafiam a sedimentação dos costumes. A vida é sobressaltada pela emergência de tecnologias que impõem novos ritmos aos indivíduos, alterando combinações espaciais, temporais e afetivas.⁷

Ironia à história e à revolução: uma abordagem do romance de Augusto Abelaira

71

4 Ao examinar o impacto da Revolução dos Cravos na literatura portuguesa, Eduardo Lourenço destaca que o ceticismo à revolução caracteriza o romance abelairiano, antecipando frustrações que envolverão as esperanças desencadeadas pelo 25 de Abril. Segundo Lourenço, alguns escritores – e entre eles Abelaira – “a confirmação das suas premonições, inscritas agora no corpo nada místico da Revolução efectiva, só podia servir para radicalizar o seu sentimento de inabilidade universal. Apesar do que sempre houve (e há) de tónico no seu relativismo sistemático, a Revolução vivida parece tê-lo privado (definitivamente) da ilusão da Revolução inimaginável: *Sem tecto, entre ruínas*, título desesperançado para um texto do tempo da esperança. (LOURENÇO, Eduardo. *O canto do signo: da existência e literatura*. Lisboa: Presença, 1993, p.296.)

5 Para Boaventura de Souza Santos, uma das idéias recorrentes que mascara a realidade portuguesa, produzida pelo pensamento mítico e psicanalítico, é a de que Portugal possui um destino a cumprir que ainda não aconteceu ou que só cumpriu no período dos descobrimentos. Segundo o sociólogo português, “os intelectuais, os diferentes grupos de cidadãos e de interesse e as diferentes classes sociais é que têm de se habituar a fazer contas e a não confiar em destinos nacionais ou horóscopos coletivos.” (SANTOS, Boaventura de Souza. *Onze tese por ocasião de mais uma descoberta de Portugal*. In: _____. *Pela mão de Alice: O social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Cortez, 1995, págs. 53-74.)

6 A personagem António Luís imobiliza-se ao telefone ao ouvir na outra linha a voz gravada em aparelho eletrônico: “Então uma voz electromagnética de mulher pergunta inesperadamente quem é e que deixe a mensagem. E o António Luís, apanhado desprevenido (contava com o calor duma voz autêntica, directamente dirigida a ele, não indistintamente programada para qualquer dos dez milhões de portugueses), sentiu-se paralisado durante alguns segundos. (p. 119)

7 Em *Outrora agora*, o tradutor Jerônimo compara o passado e o presente infantis, bem como a necessidade de adaptar-se às tecnologias mais recentes: “Criança, hoje, trocaria os passeios de automóvel com o tio pela televisão e os jogos de computador? Mais dias menos dias terá de se sujeitar à moda, comprar um computador. Quem não souber trabalhar com computadores, os analfabetos de amanhã. Eu, analfabeto de amanhã. Emoção agora vedada às crianças, os cães habituaram-se, olham com indiferença os automóveis, adaptaram-se.”(p.16) O impacto

Posições ideológicas e existenciais, recorrentes na obra de Abelaira, são reafirmadas em *Deste modo ou daquele*. A crítica à sociedade de consumo e a expansão em escala mundial de seus produtos, mais a interrogação sobre a crise final do capitalismo, passando pelo questionamento do socialismo e seus respectivos partidos, estão presentes no romance. Igualmente distintas concepções de História e o marxismo como hermenêutica exemplar são parodiadas. A auto-reflexividade irônica reavalia sistematicamente as opiniões e decisões políticas das personagens, acusando um discurso ambivalente cujo valor ético mais definitivo depende da identidade ideológica do sujeito leitor.

Em *Deste modo ou daquele*, as personagens Jorge Fonseca e Diogo Anselmo, marcados pela passagem do tempo, discorrem sobre a ausência atual de entusiasmo político que possuíam na juventude. Ambos permanecem embriagados com a discussão das possibilidades de transformação do mundo, com o valor da filosofia e da arte no questionamento da existência, porém o avançar da idade colabora para arrefecer gestos eloqüentes, sobrepastos por especulações teóricas. A personagem Jorge Fonseca reflete:

Os tempos seguintes ao 25 de Abril foram talvez uma aventura romântica, mas um tempo vivido intensamente. Agora o cansaço, a perda do entusiasmo. A velhice também? E talvez o socialismo tenha sido apenas uma grande ilusão, um fracasso completo. (p. 142)

Girando em torno da longa convivência afetiva e intelectual de dois professores, *Deste modo ou daquele* reitera discussões acerca do quadro histórico e político português e mundial. Na trama, os intelectuais Jorge Fonseca e Diogo Anselmo recordam o período em que se conheceram na universidade, comentando suas participações estudantis em eventos e organismos políticos e culturais durante o regime salazarista. A convivência é acompanhada por Ágata. Os três jovens atuam no Movimento de Unidade Democrática (MUD), agrupamento oposicionista à ditadura de Salazar, formado na década de 40. A recordação da experiência política leva Jorge Fonseca a afirmar que o amigo Diogo já não é o mesmo “velho companheiro dos tempos do MUD juvenil, das lutas anti-fascistas (quando

da técnica na vida cotidiana é examinado negativamente por Adorno. O filósofo alemão afirma que “a tecnificação torna precisos e rudes os gestos e com isso os homens. Ela expulsa das maneiras toda hesitação, toda ponderação, toda civilidade, subordinando-as às exigências intransigentes e como que a-históricas das coisas.” Um dos exemplos do empobrecimento educativo e fomento do individualismo, utilizados pelo autor, é a invenção de portas que incentivam nas pessoas o mau costume de não olhar para trás, estimulando-as ao comportamento de não fechá-las de maneira silenciosa e cuidadosa. (ADORNO, T. W. *Mínima moralia*. São Paulo: Ática, 1993, p.33)

havia futuros radiosos, não este presente de ilimitada ganância em que o esperado futuro se transformou).” (p. 128)

As idéias políticas de Jorge Fonseca e Diogo Anselmo já não comportam a crença na crise final do capitalismo. As lembranças da década de 40 revelam, naquele período, o sonho juvenil de uma sociedade socialista democrática e a ferrenha fé na História, organizada coletiva e conscientemente pelo povo:

Os anos 40, os tempos do MUD Juvenil, vivia então o capitalismo a crise final, a época futura, a democracia socialista, a verdadeira, a não meramente formal, rica em liberdade e de justiça, sem exploração do homem pelo homem – nas vésperas da queda de Salazar, derrubado, lá para o fim da década, pelas revolucionárias massas populares, necessariamente possuidoras dos segredos do processo histórico, da marcha implacável da história. (p.107)

As recordações evocam ainda o interesse pela literatura e pela política naquela época, aproximando Jorge Fonseca, Diogo e Ágata. Inseparáveis, conversam sobre diversos temas, porém são cautelosos quando abordam a situação dos países socialistas e o marxismo, temerosos às críticas de colegas.

As três personagens culpam-se pelas dúvidas acerca da situação histórica, temendo parecerem conservadoras. Elas não querem demonstrar uma posição reacionária. Temem que as dúvidas a respeito do socialismo fossem objetivamente entendidas como “jogo da direita”. As três receiam que a descrença seja interpretada como resultado de propaganda contra-revolucionária.

Idênticas incertezas em relação à emancipação política futura e o gosto por certos autores unem os três protagonistas, distinguindo-os dos colegas, considerando-os suspeitos em relação à ação política. Jorge, Ágata e Diogo demonstram entusiasmo por Marcel Proust, por André Gide, F. Kafka, A. Huxley, autores que os “camaradas” políticos consideravam burgueses. A identificação de determinados valores literários eleva a amizade das três personagens.

As afinidades aumentam quando, num congresso de estudantes, um colega afirma que os existencialistas servem o imperialismo americano. O medo ou a covardia impedem que as três personagens defendam o Existencialismo, embora admiradores de Sartre. De acordo com Jorge Fonseca, o fato de “terem ficado cobardemente em silêncio (e perceberem que esse silêncio foi covarde) uniu-os, ajudou-os a conhecerem-se melhor.” (p.182) A vergonha em não ser “iluminado pela fé” em algum sistema político igualmente aproxima-os.

Ironia à história e à revolução: uma abordagem do romance de Augusto Abelaira

73

O tema das relações entre literatura e política, lembrado por Jorge Fonseca, é recorrente. O episódio expõe dificuldades, equívocos e temores a respeito da função social do texto literário. As particularidades potenciais do discurso artístico e o seu especial papel representativo também são vítimas do preconceito político-partidário do período. A natureza essencialmente política da literatura é desafiada. A evocação aos anos 40 significa um olhar crítico sobre o Neo-realismo que contesta a literatura introspectiva, tomada por subjetivismo extremado.

As divergências entre Existencialismo e Marxismo são sinalizadas. A voz de Jorge Fonseca ironiza aqueles que acusam o Existencialismo, em finais da década 40 e início dos anos 50, como corrente dominante dos intelectuais burgueses da época. O debate refere-se às idéias de Lukács que argumenta que o Existencialismo equivoca-se ao negar a historicidade da natureza, estando tal pensamento de pleno acordo com uma parte considerável de “cientistas burgueses”, assim como toda a filosofia reacionária moderna. Segundo o filósofo húngaro, historicamente, o Existencialismo só reconhece a da humanidade, porém “como esta pode ser possível, sem base objetiva, sem leis objetivas, sem tendências gerais objetivamente existentes? Tais questões, Sartre não tem resposta nem poderia ter,” alerta Lukács.⁸

As personagens de *Deste modo ou daquele* partilham a posição do narrador de *O vermelho e o negro*. A voz narrativa stendhaliana afirma que:

— A política é uma pedra amarrada ao pescoço da literatura, e que em menos de seis meses a submerge. A política no meio dos interesses da imaginação é como que um tiro no meio de um concerto. É um ruído que é cruel sem ser

8 LUKÁCS, G. *Existencialismo ou marxismo?* São Paulo: Ciências Humanas, 1979, p. 127. Na seqüência, Lukács refere-se ao romance *Os irmãos Karamazov*, de Dostoiévski, para condenar os intelectuais presos ao “esteticismo” e “vítimas do desejo pouco consciente de sair do niilismo”. Segundo Lukács, “quando se crê, com efeito, ter rompido com a sociedade burguesa ou, que se levante, ao menos, um protesto intelectual contra ela, exige-se que essa atitude traga consigo toda a poesia das épocas heróicas. É preciso uma perspectiva concreta e real e esta só se poderia constituir a partir da análise concreta da realidade objetiva, a partir do traçado concreto que vai do presente real ao futuro real. As abstrações existencialistas não podem superar o niilismo. Mas de que intelectuais se trata? Da atmosfera niilista e das frases revolucionárias de seu mundo irracional, Romain Rolland conduziu o S. R. Savinkov-Ropchine à testa de seus bandos contra-revolucionários. Literato da mesma extração moral e intelectual, Koestler tornou-se o turiferário zeloso do imperialismo churchuliano. Quanto a Malraux, niilista dado ao culto da frase revolucionária, também chegou a um lugar de destaque no estado-maior intelectual do General De Gaulle. A posição existencialista está, por sua própria natureza, tão profundamente ligada ao niilismo que aqueles que nela se aferrarem serão levados – quer queiram quer não – na direção seguida por Malraux. Qualquer que seja entretanto a resolução subjetiva dos existencialistas honestos, qualquer que seja a medida na qual sua resolução modificar o curso do seu destino de homens e pensadores, é a História que decidirá dos destinos do existencialismo e, no essencial, sua decisão já tomou forma.” (p.205-206)

enérgico. Não harmoniza com o som de nenhum instrumento. Essa política irá ofender mortalmente metade dos leitores, e aborrecer a outra, que a viu de uma forma muito mais interessante e enérgica nos jornais da manhã (STENDHAL, 1987, p. 379).

Em contrapartida, outra voz narrativa do romance chama a atenção de que se as personagens não falarem de política, não serão franceses de 1830 e o livro não será mais um espelho, como advoga o autor stendhaliano.⁹ As personagens abelairianas recorrem com frequência à questão, problematizando o estético e o político, sem anulá-los por inteiro.

Os fatos políticos são revisitados com humor, imbricando-se com os destinos das personagens, mostrando que a História, conforme seleção e interpretação realizada pelos sujeitos, opera positiva ou negativamente a conjunção dos fatos. Hipóteses históricas controversas ganham realce. A relação entre acaso e necessidade, arbitrariedade e probabilidade dominam as discussões sobre o destino histórico e pessoal. A personagem Diogo destaca: “— se o Botas[Salazar] não tivesse alcançado o poder, a República desfazia-se na mesma, e outro Salazar aparecia, os tempos estavam maduros.” (p. 64)

Jorge Fonseca afirma que Diogo fala sem convicção, “um pouco para se ouvir quando ainda tinha dezoito anos, quando os indivíduos ainda não contavam, quando contavam apenas os grandes movimentos coletivos,” ou apenas para estimular a discussão. A hipótese de Jorge Fonseca é a de que a História dessa época não dispunha de outros Salazares. Para a personagem, sem a energia do verdadeiro, o governo caía em poucos meses. Em relação ao contexto atual, Jorge desafia: “alvez haja condições para um Salazar, o que não há é Salazares disponíveis, os existentes são tão medíocres!”

Jorge Fonseca, com ironia, interpreta positivamente a ditadura salazarista por ter levado à aproximação das três personagens: “Sem Salazar a nossa vida teria sido diferente, talvez nem sequer nos tivéssemos conhecido. Nem sequer tivesse conhecido minha mulher”, emendando: “a minha ex-mulher” Diogo participa da brincadeira do amigo, informando a importância do regime autoritário na formação de suas amizades:

— uma das hipóteses é a seguinte: sem Salazar, e com os comunistas espa-

9 *Idem, ibidem*, 1987, p.361. A famosa passagem diz: “Senhores, um romance é um espelho que é levado por uma grande estrada. Uma vez ele reflete para os vossos olhos o azul do céu, e outras a lama da estrada. E ao homem que carrega o espelho nas costas vós acusareis de imoral! O espelho reflete a lama e vós acusais o espelho! Acusais antes a estrada em que está o lodaçal, e mais ainda o inspetor das estradas que deixa a água estagnar-se e formar-se o charco.”

nhóis no poder, o golpe de Praga teria sido em Lisboa, e muitos anos antes! Na época do estalinismo puro e duro. Deveremos agradecer ao Salazar estarmos aqui a conversar calmamente? E vivos! (p.65)

A tese é derrubada pela personagem ao afirmar que, se Diogo deve a vida ao Salazar contra o perigo de Stálin, também deve ao governante soviético o afastamento do perigo hitleriano. Na ausência de Stálin, Portugal teria sido invadido pelos alemães, argumenta Jorge Fonseca, recorrendo às motivações históricas como causa essencial ao estabelecimento da convivência dos dois:

- E só porque o MUD Juvenil existe nos conhecemos. Sem Salazar não existiria MUD, não teríamos conhecido. Conhecemo-nos por dádiva do Salazar?
- A origem dum longo e incómodo diálogo: a ditadura de Salazar, nefasta à escala do Universo, tê-los-ia favorecido? (p.175)

Os diálogos informam a importância e o significado de fatos históricos e políticos em Portugal, bem como o estranho entrelaçamento dos mesmos nas tramas individuais. O determinismo histórico e a relativização dos acontecimentos igualmente são ironizados. A macro-história quanto a micro-história também são postas sob suspeita. A especulação do passado recente e sua influência nos destinos pessoais tornam-se estratégia dominante na verificação das probabilidades de encontros e desencontros. Os benefícios disseminados pela História dependem do ponto de vista acolhido. Os fatos não são dispensados, base material para a análise.

Mitos e emblemas pátrios também são destronados. Ao pesquisar a história das abelhas Ágatas, espécie rara exclusiva do território português, Jorge Fonseca examina as interpretações do fenômeno. Entre as alternativas, a tese em destaque é aquela que aponta que a presença dos insetos corresponde à representação da saudade. Como as abelhas Ágatas, a saudade é um fenômeno exclusivo da identidade portuguesa. Com efeito, também o historiador Diogo Anselmo revoluciona o meio acadêmico ao defender que o atraso econômico e cultural de Portugal deve-se aos descobrimentos, pondo em xeque a História oficial. Conforme a personagem:

se os descobrimentos provocaram a decadência da nossa agricultura, então, sem eles, ela ter-se-ia desenvolvido, conduzindo-nos, quem sabe?, a uma revolução agrícola que abriria as portas à revolução industrial, à semelhança do que veio a acontecer muito mais tarde em Inglaterra. Portugal seria hoje um país rico. (p. 29)

Os emblemas da identidade e a aventura comercial e política do im-

pério português quinhentista, através das navegações, são depreciados. Abelaira parodia a História oficial, relativizando o carisma positivo do empreendimento. A improvisação e a loucura como categorias essenciais ao povo português são destaques, favorecendo o protagonismo histórico desempenhado pelo país. O questionamento dos métodos científicos aplicados pela historiografia é realizado. Ao comentar a tese [não defendida] de Diogo Anselmo, Jorge Fonseca afirma que, para o amigo, a História enunciadora de acontecimentos é insuficiente, sendo necessárias leis gerais que acolham fatos explicativos:

Com argumentos perturbadores: a obra, cujo objetivo confessado consistia em explicar os Descobrimentos (por que razão os Portugueses não ficaram em casa a cultivar as hortas, como tantos outros povos?) não explicava nada. E prosseguia: explicar, explicar verdadeiramente, significa inserir os factos em leis gerais. (p. 29)

Deste modo ou daquele incorpora o argumento historiográfico. O Narrador, alter-ego de Jorge Fonseca, orientado pelos preceitos da narrativa romanesca e científica, concebe uma teoria da História como possibilidade textualizada, pois a História é sempre uma narrativa, isto é, textualização sobre o passado que “pensamos ter acontecido, quando o mais importante é o que, podendo ter acontecido, não aconteceu.” (p. 61) Nas páginas do *Diário* de António Luís, encontra-se escrito: “O estudo minucioso de todas, absolutamente todas as possibilidades, só ele poderá constituir a verdadeira, a completa história de Portugal – a história que não devemos reduzir aos factos acontecidos.” (p. 61)

As personagens Jorge Fonseca e Diogo Anselmo, na tentativa de exploração de todas as possibilidades históricas, inventam um Portugal *deste modo ou daquele*: com ou sem Descobrimentos, com ou sem Salazar, com ou sem 25 de Abril, questionando a vida política portuguesa. Desmistificam o discurso historiográfico oficial, subvertendo matrizes narrativas da História do País. Ambos problematizam a natureza e o estatuto do passado português.

Deste modo ou daquele avalia igualmente, com ironia, o carácter científico do discurso histórico. Para o narrador António Luís, autor do *Diário*:

As possibilidades históricas são tão lógicas como as geometrias não-euclidianas e, num mínimo, devem existir, como os seres matemáticos, no platónico mundo das idéias – ainda que se possa hesitar acerca da natureza dessa existência. (p. 22)

A representação da História e dos paradigmas científicos para o seu

exame é igualmente enfatizada em *O bosque harmonioso*¹⁰. Recorre-se aos exemplos desse romance por se constatar ali interesse maior pelo assunto, justificando, dessa feita, uma das constantes temáticas na obra de Abelaira.

Nesse livro, destaca-se a personagem João Xavier, pesquisador do manuscrito *O bosque harmonioso*. Em suas inquietações intelectuais, retrata a História como “amante de mistérios e senhora dos destinos humanos”, interpretando-a como “selecionadora avara das informações”. Referindo-se às suas fontes documentais, o pesquisador interroga-se sobre se a História terá acertado ao guardar para ele tais documentos, havendo-os escondido durante séculos.

Em sua pesquisa, o estudioso chama a atenção para as anotações feitas por um autor anônimo do século XVIII. João Xavier surpreende-se com a atualidade dos apontamentos, dignos de um historiador moderno: “não há explicações absolutas e cada época tem as suas, válidas se forem coerentes com o saber de então e assim reconhecidas pela sociedade dos homens cultos.” Em outra passagem, João Xavier destaca as interpelações do anotador setecentista:

a História, manipulando o público, manipulando a própria História. Querendo que conheçamos isto e ignoramos aquilo para dela construirmos uma ideia que lhe agrade, não necessariamente verdadeira. Obrigando assim o historiador a perguntar-lhe: porque me deste este sinal, porque me ocultaste aquele? E como o acaso se transformou no instrumento utilizado por ela para selecionar os fatos, o historiador deveria estabelecer uma teoria do acaso para, por seu turno, iludir a História, fugir às ratoeiras armadas por ela. (pgs. 112–113)

O domínio absoluto da História é contraditado. A personagem João Xavier crê que o destino, ao colocá-lo diante dos dois manuscritos quinhentistas, dá, simultaneamente, dois sinais: sua missão particular no universo e a possibilidade de valorização intelectual no cenário cultural português, ao reescrever a História do País. Portanto, a personagem deve aceitar *O bosque harmonioso* e a biografia de Cristovão Borralho como documentos necessários à correção da História:

Conserva, pois, *O bosque Harmonioso*, deita fora o resto. Assim procede normalmente a História, destruindo a maior parte dos documentos, apagando pistas, baralhando os sinais, divertindo-se conosco. Shakespeare, Homero... Que sabemos nós senão o pouco que a História avaramente nos concede? Aceita portanto Borralho, corrige a História. Talvez por distração ela deixou

10 ABELAIRA, Augusto. *O bosque harmonioso*. Lisboa: Sá da Costa, 1982. Todas as citações no presente ensaio decorrem da edição referida.

à vista o que normalmente esconde, reunindo nas tuas mãos os dois manuscritos, esquecendo-se de perder um deles. (p.129)

Nessas passagens, Augusto Abelaira, com ironia, sintetiza as preocupações teóricas da historiografia, tratando-a como uma personagem simultaneamente autônoma, obscura, imprevisível, ardilosa, simuladora e desconhecadora de sua própria razão existencial e ideológica. Conceitual e metodologicamente questionada, a história mostra-se ineficaz em manter seu estatuto científico, tornando-se refém de sua própria tarefa: a elucidação dos acontecimentos.

O autor problematiza a possibilidade do controle absoluto dos fatos e a dificuldade do historiador em selecioná-los e ordená-los corretamente a fim de extrair a verdade e a compreensão dos fenômenos. Nesse sentido, a história passa a depender das interpretações coerentes de cada período, resultado conquistado mais pelas relações de poder e as estratégias discursivas empregadas do que pelos acontecimentos vividos. Assim, a seleção e manipulação das fontes documentais, associadas ao ponto de vista teórico e lingüístico adotado, passam a determinar a leitura da realidade.¹¹ O domínio da informação historiográfica adquire papel fundamental no exercício do poder, extraindo daí vantagem fabulosa na manutenção ou na transformação da sociedade.

Em *Deste modo ou daquele* e *O bosque harmonioso*, o impasse aumenta à medida que a meta-ficção irônica abelairiana redobra os questionamentos, misturando-os, estrategicamente, a fim de realizar inversões e destronamentos estilísticos e ideológicos da história, seja vista como racional ou irracionalmente. O olhar historiográfico e revolucionário é rebaixado, pretendendo obscurecer tentativas de transparência absoluta acerca das relações entre realidade, conhecimento e revolução.

Nessa perspectiva, a escrita abelairiana, misturando inquietação teórica com imaginação poética, problematiza as ações e pensamentos dogmáticos, motivando visões múltiplas que desafiam o determinismo histórico e a fé inoxidável em torno da revolução.

Recebido em 31 de outubro de 2009 / Aprovado em 10 de dezembro de 2009

11 Em *O bosque harmonioso*, a personagem João Xavier, a partir das consultas aos autores pesquisados, conclui: "Visão grandiosa: produzir história passada para forçá-la a modificar-se, a tornar-se outra! Na verdade, se os efeitos futuros resultam de causas antigas, alteradas essas causas teríamos efeitos diferentes! Precursor (ou discípulo) de Pascal, o autor do *Bosque*, este ou aquele, terá pensado: vamos encurtar o nariz de Cleópatra ou diremos que o nariz de Cleópatra era mais curto. E então nascerá uma nova história, um novo passado, um novo presente e um novo futuro, produtos de outras causas, de outros narizes."(p.142-141)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABELAIRA, Augusto. **Deste modo ou daquele**. Lisboa: O jornal, 1990.

_____. **O bosque harmonioso**. Lisboa: Sá da Costa, 1982.

_____. **Outrora agora**. Lisboa: Presença, 1996

ADORNO. T. W. **Mínima moralia**. São Paulo: Ática, 1993.

LOURENÇO, Eduardo. **O labirinto da saudade**. Lisboa: Dom Quixote, 1978.

LUKÁCS. G. **Existencialismo ou marxismo?** São Paulo: Ciências Humanas, 1979.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. São Paulo: Cortez, 1995.

STENDHAL. **O vermelho e o negro**. Rio de Janeiro: Globo, 1987.

*José Luís
Giovanoni
Fornos*

80